

SESSÕES DO PLENÁRIO

5ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 27 de março de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN (AD HOC)

A Srª PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial proposta por mim, a deputada Maria del Carmen, com o objetivo de debater o tema da Campanha da Fraternidade 2015, “Fraternidade: Igreja e Sociedade”, que tem como lema “Eu vim para servir”.

Convido para compor a Mesa as seguintes personalidades: o Sr. Secretário da Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, José Geraldo dos Reis Santos, que representa neste ato o governador Rui Costa; o Reverendíssimo Arcebispo da Arquidiocese de São Salvador, D. Murilo Krieger, o Sr. Deputado Estadual Alex da Piatã, a quem agradeço a presença, o Sr. Capelão da Polícia Militar, Padre Dimas Rogério, o representante do comandante-geral da Polícia Militar, coronel Anselmo Brandão, o Sr. Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe e Coordenador da Campanha da Fraternidade 2015 da Arquidiocese de Salvador, Padre José Carlos; a Srª Roberjane Ribeiro Nascimento, presidente do CAPDVER, Centro Afro Promoção e Defesa da Vida Padre Ezequiel Ramin, e o Reverendíssimo Padre Ferdinando Caprini, da Paróquia Santíssima Virgem Maria de Nazaré. (Palmas!)

Assistiremos agora à apresentação do Coral dessa Paróquia, entoando o Hino da Campanha da Fraternidade 2015.

(Apresentação do Coral.)

A Srª PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Convido o deputado Alex da Piatã para assumir a presidência dos trabalhos, enquanto eu me dirijo à Tribuna.

O Sr. PRESIDENTE (Alex da Piatã):- Com a palavra a deputada Maria del Carmen, autora do requerimento desta sessão especial, pelo tempo de até 10 minutos.

A Srª MARIA DEL CARMEN:- Bom-dia a todos, uma saudação muito especial aos nossos jovens, à Mesa e agradecendo a presença do Sr. Secretário de Justiça e Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Sr. José Geraldo Reis Santos, que representa, neste ato, o governador Rui Costa; saudamos e agradecemos muito a presença do nosso Eminentíssimo Sr. Arcebispo da Arquidiocese de São Salvador, Dom Murilo Krieger; agradecemos a presença do nosso companheiro, deputado Alex da Piatã, deputado de primeiro mandato, comprometido com a nossa igreja; Sr.

Capelão da Polícia Militar, Padre Dimas Rogério, representante do Comandante-Geral da Polícia Militar, Coronel Anselmo Brandão; Sr. Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, coordenador da Campanha da Fraternidade 2015, na Arquidiocese de Salvador, Padre José Carlos, agradecemos muito a sua presença, nosso pároco. Eu digo, Dom Murilo, que eu pertenço à Paróquia do Padre Zé Carlos; Sr^a Presidente do CAPDV – Centro Afro de Promoção e Defesa na Vida Ezequiel Ramim, Roberjane Ribeiro Nascimento; cumprimos e agradecemos todo o empenho, trabalho e dedicação do nosso Reverendíssimo Padre Ferdinando Caprini, da Paróquia Santíssima Virgem de Nazaré, que agora já divide o espaço com o Padre Zé Carlos.

Com muita alegria, nós estamos hoje, nesta manhã, já era para ter acontecido esta sessão no início do mês de março, no momento em que todo o trabalho, toda a ação da Campanha da Fraternidade estava se iniciando, mas a morte do companheiro Zezéu Ribeiro, deputado federal, a quem nós neste momento fazemos uma homenagem. A Casa concedeu-lhe em memória, por autoria nossa, há poucos dias, a Medalha Dois de Julho. Zezéu Ribeiro foi um companheiro, deputado federal, vereador desta Cidade, companheiro que lutava pelas questões da Cidade e pela defesa da população que mais necessita do nosso apoio, da nossa presença. Mas foi preciso que a Sessão fosse transferida para esta data.

A minha alegria se deve ao fato de esta Sessão Especial sempre ter sido convocada pelo deputado Yulo Oiticica que infelizmente não está mais nesta Casa, já que foi candidato a deputado federal e não conseguiu a sua reeleição. Yulo Oiticica foi convidado para estar aqui hoje, mas pediu desculpas a Dom Murilo e agradeceu ao convite.

Quero também, neste momento, transmitir o abraço e pedir desculpas pelo nosso Presidente da Casa, deputado Marcelo Nilo, que já tinha estabelecido uma viagem junto com o governador e portanto, não pode estar aqui.

(Lê):- “Diante da pluralidade social, a Igreja Católica busca participar assiduamente dos debates e questões mais relevantes da nossa sociedade, no intuito de garantir a dignidade da pessoa humana, o bem comum e a justiça social.

De acordo com a Doutrina Social da Igreja, a dignidade da pessoa humana, o bem comum e a justiça social são critérios a partir dos quais a Igreja discerne a oportunidade e o estilo de seu diálogo e de sua colaboração com a sociedade. E é por esses mesmos critérios que ela pauta sua própria atuação, tendo como missão o serviço à sociedade em favor da formação integral da pessoa humana.

A mensagem do Evangelho exige dos cristãos o direito e o dever de participar da vida em sociedade. Diante disso, a maneira contundente pela qual a Igreja dialoga com a sociedade em geral representa o serviço cooperativo que exerce a favor da verdade, da justiça e da fraternidade junto às comunidades e seus representantes, em vista do bem comum.

Por isso, conta com a parceria de instituições e organizações sociais, bem como de homens e mulheres de boa vontade, unindo forças para a erradicação de injustiças

e construção de uma sociedade que propicie a vida digna.

A Igreja Católica, estando presente em todo território nacional, tem sido muito importante em assistir, em diversos âmbitos, a população. As dioceses e paróquias, enquanto autênticas comunidades de fé, unem pessoas e contribuem para a edificação da sociedade brasileira através de serviços e obras que expressam sua opção em favor, especialmente, dos mais necessitados.

As iniciativas da Igreja são louváveis e estimulantes para nós que lutamos por um país que seja realmente de todos e todas. A Cárita Brasileira com sua missão contra a fome e a Pastoral da Juventude com a campanha contra violência que atinge prioritariamente os jovens negros de nossa periferia são bons exemplos. Muitos outros exemplos existem, principalmente nas pastorais sociais. É alentador conhecer o trabalho das Pastorais Sociais como a Pastoral Carcerária, a Pastoral da Sobriedade, Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral da Saúde, Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral da Sobriedade, Pastoral Carcerária, Pastoral Afro, Pastoral dos Portadores de Deficiência. Não preciso me alongar muito neste tema porque temos hoje conosco o padre Zé Carlos, grande lutador dessa cidade e coordenador da Ação Social Arquidiocesana.

Estamos num momento crucial do país. Momento de defender os avanços que tivemos na última década. Tiramos milhões de brasileiros da pobreza, inegavelmente melhoramos as condições de vida e ampliamos as oportunidades dos mais necessitados. Agora, a crise mundial ameaça estas conquistas e os poderosos tentam impor suas medidas antipopulares. Os pobres não podem pagar pela crise! Contamos com a Igreja para ajudar não só a salvaguardar os avanços como aprofundá-los.

Outro tema em que nossa Igreja Católica é fundamental na reflexão e ação é na reforma política. Reforma esta que pode aperfeiçoar nossa jovem democracia, melhorar a representação popular e realmente combater a corrupção.

Falo do apoio ao Projeto de Participação Popular que resultou na instituição da Lei da Ficha Limpa (Lei 135/2010.) Em vigor, essa nova legislação impediu vários candidatos condenados pela Justiça de concorrerem ao pleito eleitoral de 2014.

A Igreja também integra a “Coalizão pela Reforma Política Democrática e Eleições Limpas”. Participou ativamente dos debates que definiram os termos deste projeto, que inclui:

- A proibição de financiamento de candidatos por empresas (pessoas jurídicas) e implantação do financiamento democrático, público e de pessoas físicas, ambos limitados;

- A adoção do sistema eleitoral chamado “voto transparente”, proporcional, em dois turnos, pelo qual o eleitor inicialmente vota num programa partidário e posteriormente escolhe um dos nomes da lista ordenada no partido, com participação de seus filiados e acompanhamento da Justiça Eleitoral e do Ministério Público;

- A promoção da alternância de homens e mulheres nas listas de candidatos dos partidos, porque o Brasil, onde as mulheres representam 51% dos eleitores, é um País

de sub-representação feminina, com apenas 9% de mulheres na política. Aqui nesta Casa já fomos 10 deputadas, hoje estamos apenas com 7 deputadas entre os 63 deputados.

(Lê):- “O fortalecimento da democracia participativa, através dos preceitos constitucionais do Plebiscito, do Referendo e do Projeto de Lei de Iniciativa Popular, permitindo assim a sua efetividade, reduzindo as exigências para a sua realização e ampliando suas possibilidades de concretização.

Não podemos deixar de citar também que, desde agosto de 2013, tramita no Congresso o chamado “Saúde+10”, que reivindica 10% das receitas brutas da União para a Saúde Pública. Este projeto decorre da Campanha da Fraternidade de 2012.”

Portanto, a Igreja é extremamente importante na luta para aprovação desse projeto que tramita no Congresso Nacional.

(Lê):- “Sendo assim, com o objetivo de despertar o espírito comunitário do povo, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), responsável por promover a Campanha da Fraternidade, afirma que a conversão e mudança de vida decorrentes da Quaresma, como período de apresto para a Páscoa, possibilita um itinerário de libertação pessoal, comunitária e social.

Portanto, a Campanha da Fraternidade 2015 convida-nos a rezar, refletir e meditar a respeito da relação entre Igreja e Sociedade, tendo como tema “Fraternidade: Igreja e Sociedade” e como lema “Eu vim para servir.” Tornando-se um grande instrumento para o desenvolvimento do espírito de renovação interior e preparação para a ressurreição de Cristo.

A participação na Campanha da Fraternidade 2015 traz como pilar a concepção de servir. É nesta vertente que se almeja construir uma sociedade mais fraterna, justa e solidária. Busca-se, assim, através da comunhão entre Igreja e todos os cidadãos cristãos, minorar as mazelas existentes na sociedade brasileira, no que tange, principalmente, à educação, saúde e paz social.

O Texto Base da Campanha procura recordar a vocação e a missão de todo cristão pela caridade. Trata-se, desta forma, de um objetivo nobre relembrar que a Igreja, enquanto entidade religiosa, não deve estar dissociada da sociedade, mas, sim, em comunhão com esta, por meio da solidariedade.

O objetivo geral da Campanha da Fraternidade 2015, com base nesse momento de reflexão entre a Igreja e suas relações com o mundo, pretende aprofundar, à luz do Evangelho, o diálogo e a colaboração entre a Igreja e a sociedade, como serviço ao povo brasileiro.

Por este motivo, a Campanha traz consigo, ainda, objetivos específicos, como identificar e compreender os principais desafios da situação atual no Brasil e estabelecer parâmetros e indicadores para a ação pastoral. Além disso, aprofundar a compreensão da dignidade da pessoa, da integridade da criação, da cultura da paz, do espírito e do diálogo inter-religioso e intercultural, para superar as relações desumanas e violentas. E atuar, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,

para o desenvolvimento integral da pessoa, na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Durante sua visita ao Brasil em 2013, o Papa Francisco exortou todos os cristãos a não assumirem uma posição pessimista diante das dificuldades presentes em nossa sociedade, nem uma posição meramente reativa ou pior, de resistência e isolamento. Ele os chamou a unir forças com os homens e mulheres de boa vontade que desejam ser construtores de um mundo melhor. Um mundo mais justo, mais fraterno, mais solidário e com mais paz.

Logo, debates semelhantes ao que realizaremos hoje, com essa dimensão, são fundamentais para discutirmos sobre a realidade que vivenciamos. E, através do consequente discernimento sobre as questões relevantes, fomentar a realização de políticas sociais e/ou reformas políticas que possam suprir as necessidades do povo.

O Papa Francisco defendeu a Reforma Agrária e fez duras críticas ao modelo do agronegócio. Ao citar o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Francisco lembrou que a reforma agrária é, além de uma necessidade política, uma obrigação moral.”

Nós, nesta Casa política, neste espaço da Casa do povo, dizemos que a nossa obrigação, enquanto políticos, só tem sentido se nossa ação for na busca do bem comum. Se não dedicarmos os nossos mandatos e a nossa vida no nosso cotidiano, no dia a dia, em serviço daqueles que mais necessitam da nossa voz, não tem sentido estar nesta Casa.

Por isso, estamos aqui neste dia para renovar nossos compromissos com a sociedade e com o povo deste Estado, deste País e com a população em geral. Um grande abraço. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Ouviremos, agora, o poema "Esta Mulher", recitado por Cíntia de Souza.

(O poema é recitado fora do microfone.)

(Palmas.)

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Obrigada, Cíntia, parabéns.

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Com a palavra o deputado Alex da Piatã.

O Sr. ALEX DA PIATÃ:- Bom-dia a todos!

Quero em primeiro lugar agradecer a Deus por essa oportunidade de estarmos juntos nesta manhã, nesta sessão especial, que trata da campanha da fraternidade. E desde já faço os meus cumprimentos e os meus parabéns a nobre colega, deputada Maria del Carmen, pela iniciativa, como ela mesma disse aqui, o deputado Yulo Oiticica era quem tinha essa iniciativa e agora V.Ex^a dá continuidade de forma brilhante. Ela dizia que é meu primeiro mandato, então estou aqui para poder aprender um pouco com a deputada. Parabéns, deputada, pela iniciativa de poder

trazer para a nossa Casa, a Casa do povo, essa discussão tão importante.

Quero cumprimentar o Sr. Secretário de Justiça, de Direitos Humanos e Desenvolvimento José Geraldo, e em seu nome cumprimento o governo Rui Costa e todo o governo do Estado da Bahia.

Quero aqui cumprimentar também Dom Murilo, e em seu nome todo o clero da Igreja Católica e também da CNBB; quero cumprimentar o Sr. Capelão da Polícia Militar Padre Dimas Rogério, seja bem-vindo; quero cumprimentar também o Reverendíssimo Padre Ferdinando Caprini; cumprimentar o pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, padre José Carlos e também coordenador da campanha da fraternidade aqui na arquidiocese; cumprimentar também a presidente do CAPDV Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida, Roberjane Ribeiro, e meus amigos. Quero, mais uma vez, parabenizar a nossa Igreja pela ousadia de desafiar temas tão importantes e principalmente agora na campanha da fraternidade um tema que sai dos seus templos para poder discutir a relação com a sociedade, que traz como lema “Eu vim para servir”.

Quero aqui colocar - nessas algumas semanas que tivemos da Quaresma - o fruto da minha reflexão em relação a três fatores que acho essenciais para a nossa discussão e contribuição da relação da igreja com a sociedade. Tenho certeza que a luz do Evangelho, todo o fruto que obtivermos dessas discussões só valerão a pena se conseguirmos inserir, se nós conseguirmos inserir a grande maioria senão todos numa condição de igualdade.

E aí me chama a atenção e me chamaram a atenção algumas coisas que ainda não conseguimos superar e que precisamos avançar. A primeira delas é a fome. Não acredito que possamos avançar em qualquer aspecto da educação, da saúde se não resolvermos o problema da fome. Dados oficiais ainda mostram que no mundo temos 1 bilhão de pessoas passando fome, enquanto tantos outros vivem em abundância.

No Brasil, apesar dos bem-sucedidos programas dos últimos anos, a partir do governo Lula no combate, no enfrentamento à fome, dados oficiais ainda nos mostram que temos 2% da população passando fome, em torno de 4 milhões de pessoas. Não podemos admitir isso. Como cristãos, temos de ficar indignados com essa situação e buscar, nesse ato de servir, incluir, principalmente, a comida na mesa dessas pessoas.

Outro tema que me fez refletir bastante nesses dias, e quero trazer para vocês, é o aumento da violência, principalmente devido ao alto consumo das drogas, que acredito serem causadoras desse crescimento. O Brasil – e citarei mais dados – tem o maior número de pessoas consumidoras de crack do mundo, e o segundo maior de cocaína; 56% dos nossos jovens estão consumindo álcool ativamente. E essa é, com certeza, a maior causa das violências que enfrentamos hoje. Fora outros tipos de violência, como a contra a mulher.

Tenho certeza que, nessa discussão, nesse aprofundamento da relação Igreja/sociedade e à luz do Evangelho, temos a obrigação de servir ao próximo e tomarmos atitudes, realizarmos ações concretas ao fim desta Campanha da

Fraternidade para que possamos superar algo tão grave que envolve os nossos jovens, que serão o futuro desta Nação e do nosso Estado.

E, por fim, é um tema muito polêmico, mas que não posso deixar de abordar. E, aqui, conclamo todos vocês a fazerem uma reflexão sobre o quanto nossas famílias estão sendo destruídas e tendo seus valores desqualificados pela televisão brasileira na edição das últimas novelas, nos últimos anos. É lamentável, e aqui não quero trazer temas polêmicos, mas existem valores; e nós não vamos conseguir avançar, da mesma forma que falei da fome, se não avançarmos também na base principal de cada um de nós, que é a família. Existem valores que estão sendo jogados ao lixo nas novelas que a Rede Globo de Televisão tem editado nos últimos dias. (Palmas.)

Não é possível que tenham conseguido, na edição de três novelas seguidas, mostrar noivos e noivas deixando seus pares no altar, parecendo ser normal, comum aquele ato. Atos de traições em família, de marido e mulher, e vice-versa, mostrados como atos corriqueiros, usando de uma sofisticação técnica de imagens, de ambientes, de belas mulheres, simpáticos rapazes que chamam a atenção.

E me coloco como testemunha. Tenho três filhas. E um dia desses, ao lado da minha filha do meio, com 13 anos de idade, ligo a televisão às 19 horas e vejo cenas de sexo explícito. Tenho que dar um jeito de tirar a minha filha da frente da TV. É filho matando pai, pai tentando matar filho, irmão sequestrando irmã. E, por fim, uma atitude, uma cena que me chocou bastante, e vejo que há muitas avós presentes, de uma avó em uma novela cafetinando a neta, prostituindo a sua neta. Lembrava naquele momento a imagem que tenho da minha avó – ao ver senhoras mais velhas lembro-me da minha avó, o respeito, o pedido da bênção aos mais velhos, que sempre foi uma tradição conosco.

Tenho recebido pelas redes sociais, nos movimentos de que tenho participado, na paróquia onde professo a minha fé, no interior, em Conceição do Coité, na Diocese de Serrinha e em tantos outros ambientes o repúdio total às novelas que têm destruído as nossas famílias. Quero conclamar a cada um de nós, conclamar a Igreja, para que possamos desligar a TV ou mudar de canal nos momentos em que a televisão quer invadir a nossa casa para destruir a família.

Por fim, meus amigos, quero colocar esta Casa à disposição, como a deputada Maria del Carmen bem fez aqui, e parabenizar desde já a CNBB, em seu nome, D. Murilo, pelo empenho junto a nós na reforma política, que é um passo importante para a nossa sociedade, para o combate a essa corrupção, pois muitas vezes alguns se aproveitam do poder que têm.

Meus parabéns a toda a Igreja. Esperamos que, a partir desta sessão e das várias discussões que a Igreja nos traz do tema da Campanha da Fraternidade, ao final, possamos transformar todas essas ideias em atitudes, em ações dentro das nossas comunidades, dentro dos lares, das associações, das igrejas, aqui no nosso Parlamento, deputada Maria del Carmen, porque, como bem V.Ex^a disse, não é possível servir ao próximo, servir ao outro, não é possível legislarmos sem pensar na inclusão, principalmente, daqueles que estão excluídos, que estão à margem dessa

sociedade. Quero, por fim, colocar à disposição o nosso mandato, a nossa voz, a nossa atuação na Igreja e aqui no Parlamento. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Convidamos a se pronunciar a presidenta do Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida Padre Ezequiel Ramin, Roberjane Ribeiro do Nascimento, parabenizando-a pelo trabalho desenvolvido na comunidade de Sussuarana, em defesa da nossa juventude, dos jovens negros, principalmente daquela região onde predominam, e o belíssimo trabalho realizado pelo Capdever. Tenho acompanhado de perto o trabalho que V.S^a. realiza naquela comunidade, trabalho também que o padre Ferdinando acompanha e está presente no dia a dia. E quantas e quantas crianças, jovens e adolescentes têm sido objeto da ação e de transformação das suas vidas pelo trabalho que vocês desenvolvem lá. Parabéns. Esta Casa, com certeza, a parabeniza, e este cumprimento é extensivo às professoras, coordenadoras, todos aqueles que fazem o dia a dia do Capdever.

A Sr^a ROBERJANE RIBEIRO DO NASCIMENTO:- (Lê):- “Bom-dia a todos a a todas!

Saúdo a Mesa na pessoa da deputada Maria del Carmen, proponente desta sessão, e a D. Murilo, representante da minha Igreja.

Estamos aqui por entendermos a importância desta Campanha da Fraternidade 2015. Igreja e Sociedade, proposta da Igreja Católica. E pela especial sensibilidade de todos com as situações em que estamos vivendo. Buscamos uma sociedade justa e igualitária?

O Capdever - Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida Padre Ezequiel Ramin, uma ONG que atua há 12 anos em Sussuarana, atendendo crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, apoiado pelo programa da Petrobras.

Esta instituição acredita que só promovendo a educação de qualidade para a formação plena do cidadão com posturas éticas e de valores é possível a construção de uma sociedade justa e igualitária que tanto idealizamos.

Portanto, esta temática nos remete a pensar em desenvolvimento humano e refletir o quanto é preciso fazer para adquirirmos melhor qualidade de vida. Mas, para tanto, é preciso educação. O ser humano, cada vez mais, compreende sua relação com a natureza e se posiciona como membro da comunidade da vida. As relações de dominação devem ser transformadas em uma relação de convivência e em uma aliança de fraternidade, respeito e diálogo.

Portanto podemos pensar em uma educação integral, autêntica, onde a comunidade participe atingindo a todos através do exercício da cidadania, possibilitando a ação a partir da organização e da mobilização.

Esta é a posição da nossa instituição, uma ONG católica, como também das

Pastorais Sociais da Paróquia Santíssima Virgem Maria de Nazaré.

Termino pedindo que Deus Origem e Inspirador nos conceda, graça, luz e sabedoria para unir as forças em busca de uma sociedade mais justa e humana.”

Eu, enquanto pedagoga e professora, não poderia deixar de pautar a minha saudação na educação, porque acredito que tudo perpassa por aí.

Agradeço a todos por esta oportunidade.

O meu muito obrigada. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Para fazer parte da nossa Mesa, convido o major Honorato que representa o comandante-geral Anselmo Alves Brandão. (Palmas.)

Justifico a ausência da deputada Fabíola Mansur, pois ela está em Fortaleza com a Comissão de Saúde e Saneamento desta Casa, a fim de visitar o modelo proposto pelo governador Rui Costa para a área da saúde na modalidade consórcios entre municípios e novos equipamentos.

Passo a palavra ao Sr. Padre José Carlos, meu querido amigo e pároco da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe e coordenador da Campanha da Fraternidade 2015.

O Sr. PADRE JOSÉ CARLOS:- Exm^a Deputada Maria del Carmen, proponente desta sessão especial; Sr. Deputado Alex; Sr. Secretário da Justiça; meu bispo e meu pastor Dom Murilo Krieger; padre Dimas, Roberjane, que foi minha paroquiana, minha catequista por muitos anos na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe na comunidade de Santana do Bom Juá; Sr. Major, senhoras e senhores, bom-dia a todas e a todos.

No dia 14 junho de 1822, a Câmara de Vereadores de Santo Amaro da Purificação enviou uma carta a D. Pedro I, aconselhando o mesmo a realizar a independência do Brasil. Santo Amaro recebeu, naquela oportunidade, o título de “leal e benemérito”.

Nós estamos no ano de 2015. E a nossa igreja realiza a Campanha da Fraternidade convidando ou aconselhando o Poder Público e toda sociedade a promover uma mudança na relação sociedade/Estado, igreja/Estado para a constituição de uma nova sociedade.

A igreja, hoje, como Santo Amaro antes, dá um passo à frente para promover esta mudança. E esta Casa tem por dever tomar a iniciativa de ser aquela que, junto à sociedade baiana, a mesma que fez a Independência do Brasil efetivar-se em 02 de julho de 1823, para fazer com que se torne realidade o que a igreja propõe hoje.

Há a necessidade de, cada vez mais, se ouvir a sociedade. Há a necessidade de uma participação efetiva de uma sociedade nas ações de governo. Há a necessidade de uma presença maior da sociedade na constituição dos programas de governo.

É preciso que aquele que governa saiba que governa para o povo e, para isso, é preciso ele dar as respostas que o povo precisa para viver com dignidade na igualdade e na justiça. Enfim, isso já foi falado, aqui, através de vários temas.

A reforma política não é, apenas, uma proposição, mas uma exigência que tem de se efetivar. É preciso que a população e as pessoas, aqui presentes, levem para as suas bases a necessidade da assinatura, para que aconteça, de fato, o projeto de lei.

É preciso que a população dê a sua resposta!

A reforma política tem de sair do papel para a efetividade.

É preciso haver políticas públicas efetivas e ir ao encontro das necessidades das populações; ir ao encontro dos jovens que estão nas periferias e que estão, muitas vezes, voltados para o mundo das drogas. Por isso, está aqui o secretário de Direitos Humanos e Ação Social do Estado.

É preciso que o Projeto Antidrogas seja tratado com carinho dentro da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social. Há necessidade de existir maior implementação junto às casas que abrigam aqueles jovens. Cada vez mais, é preciso atingir os jovens que estão no mundo das drogas. É preciso que se tenha uma sistematização de uma política de educação e formação humana para as famílias.

Se falou sobre a televisão. Mas se fala, também, da prostituição dos jovens e adolescentes. Também, se deve combater o tráfico de pessoas humanas. Há a necessidade, cada vez maior, de uma ação conjunta do Estado e da sociedade para que os males da sociedade sejam sanados e deixem de ser promessas de palanques para se tornarem realidade na sociedade.

É preciso acabar com a violência. A violência, que estamos vivendo, não só está matando, mas ela está provocando uma desesperança. Parece que há medo de se abrir a porta de casa, medo de se abrir a janela, medo de se ir ao mercado. Há uma violência que está sendo introjetada no coração e na mente das pessoas.

É preciso que a resposta da Polícia Militar, uma instituição válida e necessária dentro da sociedade, seja uma ação conjunta com o Poder Público e com a sociedade. Não se pode pensar em polícia que não esteja em comunhão com a sociedade. Não se pode pensar em polícia que não esteja em comunhão com a sociedade (palmas.); não se pode pensar em polícia que não aja com humanidade. É preciso que se tenha a noção de polícia. Vamos acabar com esse militarismo. É preciso que a corporação seja de polícia, não de militares, porque isso veio do golpe militar de 64. É preciso que cada vez mais se humanize para que aconteça a efetiva relação de guarda, de proteção, de amparo, para que a população sinta confiança na polícia, para que a população seja acolhedora da polícia, e não rejeite a polícia.

É preciso que cada vez mais tenhamos a coragem que a Igreja está tendo hoje de provocar esta Casa, de provocar esta Nação com a Campanha da Fraternidade, de dizer: é preciso tocar nas nossas feridas, é preciso ir ao encontro das nossas necessidades para que deixemos de ficar no muro das lamentações e passemos à

esperança de Jesus Ressuscitado, que veio para dar vida nova a cada um de nós.

Bom dia. (palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Gostaria de agradecer e registrar as presenças: Maria do Carmo Santos, presidente do Apostolado da Oração, da Paróquia Nossa Senhora Virgem Maria de Nazaré; Terezinha Belo da Conceição, da Pastoral do Idoso; Marizete Santos, legionária da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, de Cajazeira VI; Sueli Guimarães, secretária da Legião de Maria, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima; Francisca Moura, da Paróquia Virgem Santíssima; Nailde da Silva, acolhedora da Paróquia Nossa Senhora da Graça; Robervânia dos Santos, educadora do Capdever; Elza Maria, ministra da Eucaristia da Capela Santo Antônio Tairu, da Ilha de Vera Cruz; Marineide Fernandes, da Pastoral Carcerária da Arquidiocese; Terezinha, querida, da Comunidade Shalom; Dalva Rodrigues, da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe; Maria Lúcia Pereira, minha companheira de longas datas, da comunidade Nossa Senhora das Candeias, da Boca do Rio. Posteriormente iremos agradecer a presença dos demais.

Passo a palavra ao major Honorato, que representa o comandante-geral da Polícia Militar coronel Anselmo Alves Brandão. (palmas.)

O Sr. MAJOR HONORATO:- Bom dia a todos e todas.

Quero saudar a Mesa na pessoa da deputada Maria del Carmen; saudar os nossos religiosos na pessoa do nosso Dom Murilo Krieger; saudar nosso grande capelão, padre Rogério Dimas, que fez e festejou aniversário ontem.

Pegando um pouco o gancho que o nosso grande palestrante inicial e bom orador, José Carlos trouxe, faço minhas as suas palavras. Há um clamor premente hoje na corporação por uma urgente reaproximação, realinhamento, tanto que a vertente hoje do coronel Anselmo Alves Brandão, nosso comendante geral, é buscar uma polícia que trabalhe para o bem.

A ideia de fraternidade que a Igreja promove e propaga há tanto tempo, e se reforça, está nessa linha. Não queremos um policial militar distante da sociedade, da comunidade. A Polícia Militar é parte, não é?

Tivemos, na última terça-feira, um debate interessante, em que discutimos quem protege a polícia, porque, entre os muros do quartel... O padre Dimas sabe o quanto padecemos, buscando formas e recursos para bem proteger a sociedade. Na OAB, na terça-feira, eu levei alguns dados. A “militaridade” a que o policial é exposto para servir é, muitas vezes, eu diria, necessária, porque nenhum cidadão comum sem um treinamento tem condições de enfrentar, de pronto, a guerra que travamos, às vezes, na sociedade.

Eu tenho dito – sou psicólogo – que os nossos policiais têm descido. Há policiais que apresentam alcoolismo crônico, que fazem uso de drogas, que têm depressão e que tentam suicídio, porque não dão conta desse enfrentamento de alto

risco.

A atividade do policial militar é um ofício, porque expor a sua vida, expor a sua condição humana para enfrentar a violência não pode ser um ato monetário, mas um ato de fé. O policial tem de ser guiado por um ato divino, por uma orientação baseada num ato amoroso. A ação do policial militar deve ser extremamente amorosa, mas para que ele possa enfrentar essa onda de violência que vem de encontro a sociedade, muitas vezes, é levado a ações desumanizantes.

Enfrentar o frio, a noite, o cansaço, os perigos e outro indivíduo armado requer treinamento. Concordo com o senhor, é preciso ter policiais mais humanos e menos militares, mas a “militaridade” é um artifício usado para conter outro ser que está armado. A disciplina militar em pequenos grupos é extremamente necessária, porque, num momento de tensão, num momento de arroubo, se não houver a contensão de um comandante, vai a emoção.

É preciso aproximar! Temos, hoje, na corporação um Departamento de Promoção Social, onde temos as capelanias religiosas, que buscam visitar os quartéis nesse esteio de trazer a consciência, de trazer a ligação com Deus, como faz o padre Dimas na sua paróquia. Nos recantos da Bahia, há sempre grupos religiosos que buscam, o tempo todo, trazer essa consciência.

O militar é racional. A “militaridade” nos traz racionalidade, o que nos traz o amor e a fraternidade é esse contato com o divino, que nós temos de prestigiar e reforçar continuamente. É importante para o policial de todas as estirpes a vinculação com a família, o resgate ao seio familiar. Na condição de militares, ficamos presos a símbolos importantes, à instituição, e, muitas vezes, os nossos lares e os nossos filhos estão desamparados.

Trabalho há 15 anos como psicólogo na PM, onde tive contato com policiais excelentes, ordeiros, competentes e serenos, mas com a família totalmente desorganizada, porque viveram para a corporação e para a sociedade, mas esqueceram de cuidar da família. Esse jamais será um policial pleno. Temos um defeito no “militarismo”, professor. O “militarismo” nos forja a ferro e a fogo para cuidar dos outros, e, muitas vezes, esquecemos de nós mesmos.

Muitas vezes, a ação violenta de um policial é uma ação adoecida de um trauma, de um transtorno. Aquela ação impulsiva, muitas vezes, não é fruto de uma ação de ódio, mas de uma ação de medo, de um transtorno de um estresse pós-traumático de uma ocorrência anterior em que ele se viu à beira da morte. Na próxima ocorrência ele vai agir de maneira instintiva e emocional.

Hoje, o coronel Anselmo está muito preocupado em tirar das ruas o policial após uma ocorrência de alto risco, para que ele possa se acalmar, possa voltar ao equilíbrio. Qualquer atividade policial de alto risco, confronto, perseguições, gera traumas. Não é que o policial seja perverso, mas a condição de lidar com a violência é muito desumanizadora. Onde é o espaço para se buscar humanização? É na Igreja.

Temos, hoje, um projeto do coronel Anselmo de construir um centro terapêutico, um centro de luz, de fé, de contemplação em Araçás. Temos uma fazenda

que está sendo montada para que possamos fazer esse policial pintar quadros, fazer música, poesia, ter o momento de contato com o divino em qualquer religião, mexer com plantas, hortas. O policial estressado, um pouco inquieto vai ter esse espaço de terapia e reflexão. Vamos tentar mudar paulatinamente essa sanha de violência, que é construída. Tenho muitos companheiros que entraram na corporação extremamente pacíficos, mas que, hoje, têm necessidade de mostrar a força para afastar a violência.

Trago para os senhores uma experiência da PM da Bahia que está sendo implementada. É algo embrionário, mas está sendo semeado. Esse trabalho não se faz só com treinamento, ou seja, não adianta pegar o policial ensinar a atirar, a abordar, dar armas e viaturas, mas, sim, buscar nesse policial a capacidade de controle emocional na hora H. A decisão de um policial é tomada em segundos. Ele tem que decidir entre ele e o oponente.

A legislação é dura, mas nessa hora o que precisa é, essencialmente, a condição divina, a fé, para que o Espírito Santo possa iluminá-lo nesse instante tão sensível.

Gostaria de que os policiais fossem reconhecidos. Qualquer pesquisa, hoje, no seio da tropa, o que mais machuca o policial é a falta de reconhecimento social por conta dessa exposição à violência e as reverberações dessas situações. Gostaria de que as crianças ao verem um policial se sentissem seguras. Essa é uma construção que requer muito trabalho, muito esforço e muita luz. A fraternidade em si é o seio da vivência, da ação, é a bandeira da Polícia Militar da Bahia.

A todos, um bom-dia!

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Muito obrigada, major.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Quero registrar as presenças de Mércia de Jesus, da Comunidade Católica Shalom; Francisco Coelho, Chiquinho, presidente do Conselho de Moradores de Boa Vista do São Caetano; Luiz Carlos, coordenador da Frente Popular de Cajazeiras; Osni Laureano, da Pastoral da Juventude da Paróquia São Miguel de Cotegipe, de Simões Filho; Maria Luciene Carvalho, da Congregação das Irmãs Servas da Sagrada Família; pastor capelão Raimundo Nonato, relações públicas da União de Pastores - Unipas; Isabel Jericó, da Congregação das Irmãs Servas da Sagrada Família; frei William, da Ordem Mercedária; e Carlos, nosso maestro da Banda Motumbaxé.

Ouviremos o poema “Jovem”, recitado por Jadson Sales, que foi educando e, hoje, é educador do Projeto Motumbaxé.

(Apresentação do poema.)

(Apresentação musical.)

A Sr. PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Obrigada, Jadson. Como sempre, brilhando!

Convido para fazer o seu pronunciamento o Reverendíssimo Arcebispo da Arquidiocese de São Salvador, D. Murilo Krieger, nosso pastor.

O Sr. DOM MURILO KRIEGER:- Sr^a Proponente Deputada Maria del Carmen, que teve a feliz ideia de uma sessão como esta, que faz com que os objetivos da Campanha da Fraternidade saiam do âmbito da igreja, se espalhem, sejam divulgados e estudados, inclusive numa Casa como a Assembleia, que deve ser o centro onde as ideias do mundo repercutem e ao mesmo tempo donde saem soluções; saúdo o secretário da Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, José Geraldo dos Reis Santos, que representa o governador Rui Costa; Sr. Deputado Estadual Alex da Piatã, demais membros da Mesa e cada um de vocês, é uma desvantagem ser o último a falar, porque praticamente tudo já foi falado. Mas é também uma vantagem ser o último a falar, porque quase tudo já foi falado. Então, começo lembrando uma observação que está no final do texto-base da campanha. É um testemunho da Madre Teresa de Calcutá, que dá o espírito desta Campanha da Fraternidade.

Ela diz assim: “Cristo está presente naqueles de quem ninguém precisa, que ninguém emprega, de quem ninguém cuida, daqueles que têm fome, que estão nus, que não têm lar. Esses parecem inúteis ao Estado e à sociedade, ninguém tem tempo para lhes dar. Compete a nós, cristãos, a vós e a mim, dignos do amor de Cristo, se o nosso é verdadeiro, compete-nos procurá-los, ajudá-los, porque eles estão lá para que os encontremos”.

Esta sessão tem como base a Campanha da Fraternidade, que, por sua vez, teve um tema que nasceu do fato de a Igreja estar celebrando 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II. O Concílio foi uma reunião dos bispos do mundo todo, que, durante 4 anos, 2 meses cada ano, se reuniram no Vaticano e começaram a preocupar-se com a Igreja. “Igreja, quem tu és?” A preocupação era conhecer-nos melhor, conhecer a função da Igreja, seu papel e sua responsabilidade.

Dessas discussões todas nasceu outra preocupação: a Igreja no mundo. Porque a Igreja, segundo Jesus – e a Igreja é formada por Jesus, que é cabeça, e por nós que somos os seus membros –, a Igreja é chamada a ser o sal, a ser o fermento.

Ora, o sal se coloca dentro da comida, igualmente o fermento, para quem faz um bolo ou um pão, é dentro da massa. Costumo lembrar que o sal acaba passando despercebido normalmente. Quem de nós se lembra ao almoçar que está comendo uma comida com sal? Agora, se a mãe ou a cozinheira esquecer de colocar o sal, todo mundo reclama, pior ainda se o colocar em excesso. Então, a função do sal é justamente passar despercebido enquanto sal, mas atuando com a sua presença. Esta é a atuação do cristão. Não precisamos ter uma bandeira dizendo “eu sou católico, eu sou cristão, eu sou seguidor de Jesus”, mas a nossa atuação na sociedade deve se mostrar de forma tal que a sociedade se torne melhor por causa da nossa presença.

É nesse sentido que uma campanha como esta quer despertar em nós a consciência. Não precisamos e não devemos ficar esperando do governo, de uma assembleia, da imprensa, o que devemos fazer. Temos de nos preocupar e perguntar: “O que posso fazer para dar a minha colaboração para que o mundo seja mais humano, mais fraterno?” Alguns testemunhos que foram dados aqui, alguns dados

que foram apresentados, nos mostram que a nossa sociedade precisa de uma coisa: de misericórdia, de amor, de carinho! Se nós, seguidores de Jesus, não formos capazes de dar ao mundo esse carinho, quem vai dar?

Esta Campanha da Fraternidade, portanto, vem dizer a cada um de nós: “Você é responsável para tornar este mundo melhor”.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Quero registrar que estive aqui conosco o deputado Soldado Prisco. Quero agradecer a sua presença.

Convido para se pronunciar o secretário da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, José Geraldo Reis, que representa o governador Rui Costa.

Enquanto o secretário se dirige à tribuna, quero registrar as presenças, e agradecer, do Sr. Odílio Sales Lisboa, nosso coordenador do Terço dos Homens da Paróquia São José de Amaralina e da nossa querida irmã Maria Antonieta Molinari, da Associação das Irmãs Missionárias Combonianas do Brasil, companheiras e amigas.

O Sr. JOSÉ GERALDO REIS:- Bom-dia a todos e a todas. Gostaria de saudar a deputada Maria del Carmen, responsável pela convocação desta sessão especial; o Reverendíssimo Sr. Arcebispo Dom Murilo; o deputado Alex; o capelão da Polícia, Padre Dimas; o padre Ferdinando Caprini; o padre, se assim posso dizer, já meu amigo, Zé Carlos; O Sr. Roberjane Ribeiro, presidente da Capdever e o major Honorato, representando aqui o comandante Anselmo, vejam vocês a minha responsabilidade ter que me pronunciar depois da fala de Dom Murilo, isso por conta de um protocolo, não é, deputada Maria del Carmen? porque todos nós sabemos muito bem que a maior autoridade moral, neste momento aqui, é o Dom Murilo.

Por falar em responsabilidade, quero trazer aqui um abraço do governador Rui Costa que me passou também muitas responsabilidades. Estou à frente hoje dessa Secretaria, que é uma junção de duas ex-secretarias: a de Desenvolvimento Social e a de Justiça e Direitos Humanos. Lá, nessa Secretaria, nós tratamos da inclusão produtiva, do programa do leite, do programa da aquisição de alimentos, da agricultura familiar e do programa de inclusão produtiva Vida Melhor. Temos também toda a rede de assistência social sistêmica, os CRAS, por exemplo, a Superintendência de Política sobre Pessoas com Deficiência, a Superintendência de Políticas sobre Drogas, a Superintendência de Direitos Humanos, que, por sua vez, tem uma série de coordenações, como, por exemplo, da Juventude, de LGBT, dos Povos Indígenas, da Criança e do Adolescente e dos Idosos. Acho que relatei todas.

Portanto, é uma responsabilidade grande, sobretudo se consideramos o perfil socioeconômico da Bahia, a dimensão territorial, o maior número quantitativo de pobres do País, a maior população rural. Cerca de 14% de toda a população rural do

Brasil, um território, na sua maior parte semiárido, com deficiências hídricas, mas este é o Estado real em que vivemos. É aqui que temos que enfrentar esses problemas.

Essa Campanha da Fraternidade é tão singela, tão simples, uma mensagem tão leve, mas também tão profunda, também impactante. Viemos aqui para servir, pelo menos devemos tentar servir.

Acho que a Igreja Católica, mais uma vez, tem um papel histórico a cumprir. O Papa Francisco está dando o tom com palavras, com gestos às vezes silenciosamente, como por exemplo, a capacidade que ele teve de rearticular a convivência entre povos tão distantes e conflitantes como Cuba e os Estados Unidos. Não tenho dúvida que o Papa Francisco, seguramente, na contemporaneidade, é o maior estadista que temos.

Então, a Igreja tem sim, um papel político a cumprir. O Papa Francisco, na sua simplicidade, está agindo dessa forma, combatendo a intolerância, cumprindo um papel sinérgico, reaproximando povos. E aqui no Brasil, também, em momentos como o que nós estamos vivendo, é sempre necessário não necessariamente autoridade do poder, mas o poder da autoridade, o papel da mediação, do convencimento, da persuasão, mas também, de posições firmes, como a Igreja se coloca em defesa da reforma política.

É importante combater a fome. O país vem fazendo isso. Temos avançado, mas temos que continuar avançando, temos que continuar defendendo as conquistas, até então consolidadas, porque senão nós vamos voltar num grau de miséria maior, num grau de pobreza maior, num grau de fome maior!

Mas tão importante como combater a fome, como combater a violência, a reforma política, parece esdrúxula fazermos essa comparação, mas ela é essencial para que o País continue avançando, para que nós tenhamos condições de olhar de cabeças erguidas para os nossos familiares, para a nossa comunidade, porque senão nós passaremos a ficar de cabeças baixas, envergonhados da nossa comunidade, da nossa polícia, dos nossos políticos e do nosso País. E nós não podemos deixar isso acontecer! E o papel da CNBB é de suma importância nesse sentido, o seu posicionamento firme na defesa da democracia, da cidadania, da inclusão social e do combate à intolerância.

Mas por que falar do mundo, do Brasil? E aqui? E os nossos problemas? Não podemos tapar o sol com a peneira. Nós temos aqui o padre Zé Carlos, que é do Conselho de Direitos Humanos, temos aqui os representantes da Polícia Militar, aliás, no dia 7 - como não é segredo, posso contar -, terei um encontro com o comandante Anselmo, que vai me fazer uma visita e que me passa uma impressão muito positiva. O comandante Anselmo, ainda não o conheço de perto. Mas me parece uma pessoa compreensiva, de diálogo, reflexiva. Pode até chegar daqui a um ano ou quatro anos - porque com só um talvez não possa falar muito -, e eu dizer: “Olha, tudo aquilo que falei do comandante Anselmo não tem procedência”. Porém, em princípio, é uma pessoa que me passa confiança.

Sabemos, sim, que a polícia às vezes extrapola. Então, não podemos tapar o sol

com a peneira. Sabemos, sim, que a polícia às vezes age fora da lei. Mas não podemos transformar as Polícias Militar e Civil no eixo do mal, porque senão é o fim, senão não teremos condições de ter esperança. Ou nós continuaremos a sonhar que é possível, sim, mudar a cultura de ação da polícia, humanizá-la, trazê-la para mais próximo das comunidades, ou nós acreditamos nisso, ou é o caos geral.

Então temos, sim, de fazer a crítica e nos contrapor a todo e qualquer momento em que ocorrer uma ação policial que extrapole os limites da lei. Mas não é só o aspecto do legal. Qual é a linha divisória entre o legal e o ilegal? Daí a importância de mudar a cultura, a mentalidade, e acho que é possível fazer isso.

No âmbito do Pacto pela Vida, o governador Rui Costa tem hoje a compreensão de que esse programa e, em especial, as bases comunitárias têm tido uma proeminência maior do poder militar, da ação policial. E ele quer reverter isso. V.Ex^a está conclamando todo o Secretariado a formular e implementar políticas públicas, sobretudo nas comunidades mais violentas. O governador quer igualar o peso da ação militar e o peso da intervenção social. Estamos diante desse desafio. Inclusive é a nossa Secretaria que coordena as câmaras de prevenção ao crack e de prevenção social.

Portanto, é importante ter posição firme, seja uma instituição como a Igreja Católica, a CNBB ou qualquer outra – ou mesmo qualquer cidadão. Agora, mais do que nunca é necessário termos instituições, lideranças, dirigentes –, seja o próprio governador, seja o dirigente de uma associação de bairros, que tenham não só a capacidade de brigar pelo que acreditam, mas também de fazer a mediação, de se colocar no lugar do outro. Então, na polícia o policial, quando está fazendo a sua ronda, tem de se colocar no lugar daquele que ele vai abordar. Mas há que se ter também o inverso da moeda. Essa é a minha proposição. Não quero julgar definitivamente ninguém, até porque não tenho esse direito. A nossa postura, a postura da nossa Secretaria vai ser essa, da mediação. Logo após o ocorrido – não adianta a gente deixar de falar das coisas, porque elas estão nas nossas cabeças – depois da ação policial no Cabula, eu fui procurado por várias entidades: Movimento Negro, Movimento Reaja, a Igreja, Anistia Internacional, OAB, enfim, inúmeras entidades. E eu fui cobrado. Mas qual é a posição do secretário da Justiça e Direitos Humanos? Não era uma situação fácil para mim. Mas eu disse: nós não estamos travando uma corrida de cem metros. O combate à violência, a mudança da cultura da nossa polícia, a sua humanização não é uma corrida de cem metros, é uma grande maratona. Nós vamos ter que matar um leão por dia. E essa vai continuar sendo a nossa postura: de mediar, de convencer.

Por exemplo, o comandante Anselmo vai me fazer uma visita. Será que eu e o comandante Anselmo não poderíamos fazer uma visita ao bispo? Para trocar ideias, tomar um café, se D. Murilo nos convidar. Desarmados no duplo sentido, com o espírito aberto. Talvez um pequeno gesto, uma pequena reunião possa ser um início de um processo de convivência de pessoas que pensam de forma contrária, ou não, quem sabe.

Então, a palavra de ordem é: “Vem, calça as sandálias e assume a missão.”
(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Quero anunciar a presença do deputado federal Nelson pelegriño, secretário do Turismo. Quebrando o protocolo, quero franquear a palavra a V.Ex^a, sei que estava em outro compromisso, nós estávamos aguardando ansiosamente a sua chegada.

O Sr. NELSON PELEGRINO:- Bom dia a todos e todas. Quero pedir desculpas pelo atraso. Como registrou a deputada Maria del Carmen, eu estava em outro compromissos também importante, um congresso de trabalhadores. Mas quero, primeiro, cumprimentar a deputada Maria del Carmen, parabenizá-la por essa iniciativa de abrir as portas desta Casa, pela qual, com muita honra, passei oito anos. Por diversas vezes ocupei esta tribuna para falar de diversos temas. Fui o pioneiro nesta Casa, como fui em Brasília, D. Murilo. - Quero aproveitar para cumprimentar V. Eminência.- Fui o primeiro deputado desta Casa a propor abrir as portas dela para realizar uma sessão solene para tratar do tema da Campanha da Fraternidade, e por muitos anos, durante os 8 anos em que aqui passei, esta Casa, todos os anos, religiosamente, abriu suas portas para fazer isso. Deputado Yulo também seguiu essa tradição, a deputada Maria del Carmen também.

Quando cheguei, em 1999, na Câmara Federal, com muita surpresa, descobri que lá não havia esse hábito, então, fui o primeiro deputado, também na Câmara Federal, a propor e realizar uma sessão solene para marcar o tema da Campanha da Fraternidade. E religiosamente isso foi feito até o ano passado. Este ano, infelizmente, estou licenciado, mas dei a minha contribuição, já, no requerimento do ano passado, tenho certeza que a Câmara, mais uma vez, também realizará essa sessão solene para marcar o tema da Campanha da Fraternidade.

Então, cumprimentando a deputada Maria del Carmen, Dom Murilo e o secretário de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Dr. Geraldo, quero cumprimentar a todos da Mesa e cumprimentar a todos vocês. Serei breve porque sei que a sessão está no fim.

Quero dizer que, como católico, como cristão que sou, sempre tenho registrado isso, Dom Murilo, que a CNBB, que é a Companhia Nacional dos Bispos do Brasil, tem sido muito visionária na escolha de todos os temas da Campanha da Fraternidade. Alguns temas, inclusive, são escolhidos até com 2 ou 3 anos de antecedência e, coincidentemente, quando eles acontecem, no ano da Campanha da Fraternidade, que nós sabemos que nesse período da quaresma é onde intensamente os católicos, os cristãos são chamados à reflexão sobre o lema e o tema da Campanha da Fraternidade, mas considero que a Campanha da Fraternidade transcorre o ano inteiro, porque nós refletimos, fazemos ações o ano inteiro, mas esse é o período da concentração da campanha.

Diria que a Campanha da Fraternidade, inclusive, em algumas das suas edições

foi ecumênica, porque a nossa Igreja Católica chamou outras igrejas de matriz cristã e até outras para refletir a transversalidade desse tema. Diria, que esse tema da nossa Campanha da Fraternidade deste ano é também muito atual e muito visionário, porque chama a nós, católicos, a nós cristãos a refletir sobre o papel do servir da nossa Igreja, e essa é, inclusive, a razão de existir dela.

O nosso documento básico faz remissão ao Concílio Vaticano II, aquele que, na minha opinião, foi um marco importante da Igreja Católica, porque atualizou a Igreja Católica, colocou-a na dimensão da sua missão, daquele que é o seu, digamos assim, fundador, que foi Jesus Cristo. Pedro que foi o nosso primeiro papa, e os evangelistas, puderam historiografar, puderam registrar o que o filho de Deus, que se fez homem e veio a esta terra, e todo o Evangelho, principalmente o Novo Evangelho, é uma história de ensinamento do servir, de colocar a sua vida a serviço do próximo.

Esse foi o ensinamento que Jesus Cristo nos deixou, ao dizer e anunciar a boa nova, de que Deus tinha um projeto para todos nós, para os seus filhos, era o projeto da irmandade, projeto da fraternidade, projeto do servir. E nesse sentido, assim como o Concílio do Vaticano, ele aproximou a nossa Igreja da sua verdadeira raiz, da sua verdadeira existência, neste momento em que temos um papa, que é o papa Francisco, sou um profundo admirador dele, não só eu, mas uma legião de milhões de pessoas no mundo inteiro, católicos e não-católicos.

A última vez que estive em Roma, mais uma vez, tive a oportunidade e o privilégio de estar com Vossa Santidade e fui informado pelo nosso embaixador em Roma que, 2 dias antes, o papa Francisco havia promovido uma reunião com todos os líderes religiosos do mundo inteiro, para discutir a questão do tráfico de pessoas, que era, inclusive, um tema da nossa Campanha da Fraternidade.

Portanto, quando a Igreja chama a essa reflexão de estarmos mais próximos dos nossos, mais próximos da razão de ser da Igreja, que é iniciar aqui o reino do céu na terra, que é o reino da fraternidade, da igualdade, do servir. E não é à toa, Dom Murilo, deputada Maria del Carmen, que vejo aqui neste Plenário vários atores da nossa Igreja, que militam em diversas ações sociais, em diversas ações que no dia-a-dia materializam isso cuidando das nossas crianças, cuidando dos nossos idosos, cuidando dos nossos deficientes, cuidando para construir um mundo melhor.

Então, portanto, nesse período da reflexão, que a nossa Igreja nos chama a refletir sobre a necessidade da gente servir ao próximo, e a Campanha da Fraternidade ela tem um método, que é um método importante, que é o método do ver, do julgar e, acima de tudo, do agir.

Eu tenho certeza que esta Campanha chama todos nós a refletir, o que cada um de nós tem que fazer para materializar essa dimensão do servir, servir individualmente, como podemos fazer o bem pelos outros, servir coletivamente, quando estamos em instituições que têm a oportunidade de cuidar, não só individualmente de um, mas de vários, de milhares, de milhões, como é a responsabilidade da nossa igreja, porque esse cuidar não é só o cuidar, muitas vezes material, é também o cuidar espiritual. E é isso que também é muito importante,

porque está faltando, hoje, no mundo esse cuidar espiritual.

E o nosso Papa Francisco tem apresentado ao mundo todo uma lufa de renovação, quando em exemplos pessoais dele, exemplos da vida simples que ele vive, da vida honesta que ele vive, da preocupação que ele tem com o semelhante, ele nos inspira a reproduzir no dia a dia, na nossa conduta, esse tipo de atitude, esse tipo de forma de pensar, de servir e de agir.

Portanto, quero parabenizar Dom Murilo, a CNBB, por esse tema, um tema que chama todos, preferencialmente nós, católicos, chamados pela igreja a refletir, no período da Quaresma, em relação ao tema e ao lema da Campanha da Fraternidade.

Mas, como diz a Bíblia de forma muito sábia, que a fé sem obras é morta, nós temos que, através da nossa ação, através das nossas obras, materializar o projeto, que é o projeto de origem da nossa igreja, que foi o projeto que Cristo, na sua existência, na sua vida, nos seus exemplos, nas suas ações, nos ensinou, que é o servir.

Parabéns, deputada Maria del Carmen, parabéns, Assembleia e parabéns a vocês, que no dia a dia materializam, através das suas ações, o projeto do servir.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Obrigada, deputado Nelson Pelegrino.

Concluindo, ouviremos agora o poema “Mulher” que será recitado por Giovana Santos.

(Apresentação de poema.)

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Deputado Nelson Pelegrino, por favor, venha aqui para a Mesa, mesmo no encerramento, para que possamos ter uma foto com a sua presença.

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Nós vamos encerrar agora e logo depois teremos a apresentação do coral.

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Quero agradecer a presença de todo e de todas, das autoridades que estão nesta Mesa, de Dom Murilo, dos nossos dois secretários aqui presentes, de cada um de vocês que aqui vieram nesta manhã.

Diante da responsabilidade de cada um de nós nesse momento que a igreja nos chama para refletir sobre esse lema, “Eu Vim para Servir”, nós olhamos para aquele cartaz e podemos ver a humildade do nosso Papa lavando e depois beijando os pés de alguma pessoa, mostrando para nós, católicos, a sua humildade, o nosso Líder maior da igreja tendo a humildade de beijar os pés de um fiel. E isso reflete para que pensemos como é a nossa vida, como é o nosso comportamento, como nós vemos o semelhante. Acho que essa reflexão, dentro desta Casa, tem a importância de pensarmos o que é que cada um de nós, enquanto parlamentares, enquanto agentes políticos, podemos construir para transformar e mudar essa realidade, pois é necessário que continuemos avançando.

O deputado Alex colocou algumas das dificuldades que ainda vivemos, apesar dos grandes avanços, mas fomos capazes de tirar o Brasil do mapa da fome. Podemos ter mitigado a fome de alimentos, mas será que mitigamos a fome de outras necessidades, das necessidades espirituais, das necessidades de fraternidade, de amor ao próximo, de doação efetiva?

Portanto, encerrando esta sessão, agradecendo muito a Deus pela oportunidade que me deu de presidir a mesma, quero pedir a proteção do Altíssimo para que cada um de nós que está nesta Casa, deputado, coloque como lema principal da sua vida aqui dentro a capacidade de servir. Que nós, os companheiros que estão no Poder Executivo, cada um de nós, no seu dia a dia, no seu cotidiano, sejamos capazes de ter o exemplo que nos dá o nosso Papa.

A Sr^a PRESIDENTE (Maria del Carmen):- Então, em nome do Poder Legislativo, agradecemos a todos pela presença e, com a proteção de Deus, damos por encerrada a presente sessão, ouvindo o nosso Coral da Paróquia Nossa Senhora da Virgem Maria de Nazaré, entoar, mais uma vez, o Hino da Campanha da Fraternidade.

Está encerrada a sessão. (Palmas.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/v2/sessoes.cfm>. Acesse o caminho **Sessões** e leia-as na íntegra.*